

# Uma revisão literária da percepção dos lugares na cidade do Salvador

Suely dos Santos Coelho

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PINHEIRO, DJF., and SILVA, MA., orgs. *Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura* [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p. ISBN 85-232-0339-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# Uma revisão literária da percepção dos lugares na cidade do Salvador<sup>1</sup>

*Suely dos Santos Coelho<sup>2</sup>*

## Introdução

Este trabalho busca apreender, na obra *Histórias de Salvador - Cidade da Bahia*, de Geraldo da Costa Leal, um relato da experiência nos lugares, valorizando a relação homem-lugar. Segundo Tuan (1983: 151), “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significados”, requisitos que dependem do tempo de vivência constituído de experiências “em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repensadas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar.” (p. 203). No entanto, o mesmo autor considera que a “importância dos acontecimentos na vida de qualquer pessoa está mais diretamente relacionada com a sua intensidade do que com a sua extensão” (p.203). Busca-se, na literatura, uma fonte de inúmeros exemplos de subjetividade, a forma de o homem representar a sua experiência com o espaço, ou seja, as vivên-

cias urbanas, o ser e estar na cidade nos seus diferentes graus. Sabendo que o texto literário apresenta uma projeção particular das vivências do autor, outras fontes de informação serão utilizadas na interpretação de uma representação coletiva e das vivências cotidianas na cidade do Salvador. Fragmentos urbanos impregnados de subjetividade pelos cidadãos serão selecionados da obra em estudo e analisados por meio do conceito de *topofilia* proposto pelo geógrafo chinês Yi Fu Tuan (1980), *topocídio* uma contribuição do Geógrafo britânico Porteus (*apud* Amorim F., 1996: 142) e *topo-reabilitação*, do Geógrafo Oswaldo Amorim Filho (1996).

Segundo Odile Marcel,

... a literatura, como representação das formas urbanas, tem o poder metafórico de conferir aos lugares um sentido e uma função. É nessa medida que as obras literárias, em prosa ou verso, têm contribuído para a recuperação, a identificação, a interpretação e a crítica das formas urbanas. (Marcel *apud* Pesavento, 2002: 09).

A Geografia Humanística, ao priorizar as percepções, representações, imagens, atitudes e valores dos homens para com o mundo vivido, alia-se à Literatura, em busca de respostas sobre como uma coletividade relaciona-se com as formas urbanas e quais os seus desejos e anseios em termos de qualidade ambiental e urbana. Para Tuan (1983), “uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas (...) chamar a atenção para áreas da experiência que de outro modo passariam despercebidas (p.180).

### **Aspectos gerais do autor e da obra**

Geraldo da Costa Leal nasceu em 1923, no Distrito de Santo Antônio Além do Carmo, em Salvador. Diplomado em Odontologia, exerceu a profissão durante quarenta anos e dedica-se atualmente à atividade de pesquisa das tradições e histórias da cidade

do Salvador\*. Autor dos livros *Perfis urbanos da Bahia* (2002), *Um cinema chamado saudade* (1997) e *Histórias de Salvador - Cidade da Bahia* (1996), Leal revela, em seus livros, lugares, paisagens e elementos valorizados da cidade do Salvador: os teatros, os cinemas, o elevador Lacerda, os bondes, as ladeiras, a demolição da Igreja da Sé, e descreve aspectos do mundo vivido: as festas, o futebol, os galegos, as atividades religiosas, as praias, as regatas, a vida escolar, dentre outros. No livro em estudo, *Histórias de Salvador - Cidade da Bahia*, o autor complementa as informações coletadas através de pesquisa em arquivos, bibliotecas, livros e jornais, com a história oral de muitos dos protagonistas dos acontecimentos retratados entre os anos de 1920 a 1960.

## Os conceitos geográficos

Yi Fu Tuan considera que “os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em um sentimento profundo pelo lugar” (1983: 158) e introduz o conceito de *topofilia* que incorpora sentimentos de afeição, simpatia e admiração estética por lugares e paisagens valorizadas, “incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão.” No entanto, a familiaridade das pessoas com o meio onde se vive pode gerar, ao contrário de afeição, o desprezo, a repulsão e a aversão por lugares que são considerados feios ou desagradáveis por provocarem “sentimentos de repulsa, desconforto ou medo” (Amorim F., 1996: 145). Para definir tais sentimentos pelo lugar, Tuan (1980) propõe o conceito de *topofobia*.

O *topocídio* é um conceito proposto pelo geógrafo britânico Porteous (*apud* Amorim F., 1996: 142) e significa um contínuo processo de degradação ou aniquilação deliberada de lugares, paisagens naturais ou construídas, ou ainda monumentos valorizados. Porteous enfatiza o caráter traiçoeiro e secreto dos proces-

sos que conduzem ao *topocídio*, isto é, ao desaparecimento definitivo de lugares e paisagens carregados de sentimentos topofílicos. Técnicos e (ou) planejadores responsáveis por projetos urbanísticos, ao darem prosseguimento a planos traçados sem a participação da população residente em áreas de intervenção, provocam danos muitas vezes irreversíveis “aos lugares, às paisagens, aos espaços vividos e às porções significativas da natureza.” (Amorim F., 1996: 142).

A *topo-reabilitação* é uma iniciativa de restaurar ou recuperar lugares, paisagens e conjuntos ambientais, com vistas

... à melhoria da qualidade de vida dos homens, manutenção da sua memória coletiva ou individual e preservação de sua identidade cultural e seus valores. A única forma de minimizar os vários tipos de topocídio é maximizar, entre todos os grupos da sociedade e de todas as maneiras, a topofilia (...) para tanto é necessário que as forças da topo-reabilitação superem as forças topocídicas. (Amorim F., 1996: 142).

Desenvolver ações que venham a consolidar a troca de “experiências topofílicas, no sentido do prazer de sentir, amar, vivenciar autenticamente um lugar, guardando imagens de um espaço e de suas paisagens, vividas em seu íntimo e captadas através do olhar e dos sentimentos” (Lima, 1996: 164) é um desafio que se lança diante dos profissionais empenhados no planejamento urbano, turístico, ambiental com base local, ou seja, um planejamento que alie linguagens e ações entre os diferentes agentes que produzem o espaço urbano.

As intervenções devem priorizar as especificidades do lugar para, dessa forma, “dotar seus habitantes de ‘patriotismo cívico’, de sentimento de pertencimento, de vontade coletiva de participação e de confiança e capacidade de sonhar com o futuro da urbe.” (Borja, 1996: 89). De acordo com Borja, o princípio legitimador do poder local é o da proximidade: “Esta permite que a organização representativa e a estrutura administrativa

estabeleçam uma relação direta e imediata com o território e a população.” (Borja, 1996:87). A proximidade adquirida através do levantamento qualitativo, possibilitará a intensificação da legitimidade e a conseqüente “renovação da democracia” (idem,; 90). Dados condizentes com a realidade, quando incorporados ao processo de planejamento, motivarão a participação popular em ações de parceria entre a comunidade e o poder público. As adesões serão facilitadas à medida que mais credibilidade for sendo adicionada ao processo. Ao constatar a concretização de expectativas e anseios da comunidade, moradores anteriormente alheios às discussões e aos debates, poderão se dispor a dar continuidade aos planos de intervenção.

### **Lugares, paisagens e elementos valorizados na cidade do Salvador**

Ao assumir o poder em 12 de janeiro de 1912, dois dias após o bombardeio que descaracterizou alguns pontos da cidade e tornou-os áreas em potencial para intervenções urbanísticas, o Governador J.J. Seabra deu início a um impactante projeto de renovação urbana. Ao invés de conservar os monumentos, ele demoliu inúmeras construções, a exemplo da Igreja Nossa Senhora da Ajuda. Situadas em locais de fluxo intenso de pedestres, as Igrejas são capazes de se consolidar como elementos catalisadores de sentimentos topofílicos.

De acordo com Tuan, “o próprio caminhar adquire uma densidade de significado e uma estabilidade que são traços característicos do lugar.” (1983: 200). Ignorando os sentimentos coletivos relacionados às formas urbanas, diversas obras demolidoras foram desencadeadas pelo poder público em prol de interesses diversos. Esse generalizado topocídio, caracterizado pelo aniquilamento de lugares, pôde ser detectado em alguns trechos da obra de Leal (1996): “colocaram um busto de bronze que já arrancaram

(p. 26); “essa casa foi o Abrigo do Salvador, demolido para ampliação da Escola Técnica” (p. 44); “foi desmanchado para construção do frigorífico” (p. 45); “foi iniciada a sua tumultuada demolição (...) para favorecer os bondes” (p. 68); “passou a ser local de filmes sem qualificação e (...) começou a ser demolido” (p. 51) e “diversas casas foram demolidas nas Ruas do Carro e Tingui, em frente ao Campo da Pólvora, na administração do interventor Landulfo Alves, com a finalidade da construção de um edifício para abrigar o Fórum. Por algum tempo eram vistos escombros” (p. 157).

## **O Teatro São João**

Ambientes que centralizam atividades culturais e de lazer podem gerar sentimentos de afeição coletiva. A topofilia é, nesse caso, intensificada a cada ida ao teatro, ao cinema ou ao parque. Inaugurado em 13 de maio de 1812, o Teatro São João, localizado na Praça Castro Alves (o nome original da praça era Rua da Quitanda ou Portas de São Bento), foi palco de acontecimentos memoráveis: lá o poeta Castro Alves recitou “O Livro e a América”, “Ode ao Dois de Julho” e “Quem dá aos pobres empresta a Deus”, na ocasião da entrega dos donativos arrecadados para as famílias dos mortos na guerra do Paraguai (Leal, 1996: 49). O antigo teatro serviu de palco ao ator e compositor Xisto Bahia, um dos primeiros artistas da música popular, nascido em 1841, o qual revelou-se, no decorrer dos anos, como um excelente tocador de viola, compositor, letrista, violonista e cantor. Segundo o depoimento do maestro Guilherme de Melo, Xisto Bahia, era engraçadíssimo com seus lundus, aos sons agudos e metálicos do violão (Leal, 1996: 220). O lundu, de origem africana, era uma dança sensual e popular entre os escravos, cujo som era facilmente confundido com o batuque das senzalas. O lundu foi introduzido nas festas familiares da burguesia da época e chegou aos palcos com encenações do cotidiano. As modinhas e os lundus

eram exigidos nos teatros e recatadamente apresentados nos salões. Leal (1996) cita a intervenção da polícia proibindo, e posteriormente permitindo com restrições, a apresentação desse ritmo e dessa dança no Teatro São João. Ambiente acolhedor dos amantes da arte, das encenações teatrais, dos ritmos dançantes do início do século XX, o Teatro São João consolidou-se como elemento urbano centralizador de sentimentos topofílicos. Lastimável foi o incêndio que terminou por destruir o que já havia entrado em decadência. Leal (1996) cita as sucessivas publicações nos jornais da época relatando o declínio do lugar (p. 50).

## Os Saveiros

Presente no imaginário coletivo dos que habitam ou frequentam as áreas litorâneas da cidade do Salvador, os saveiros evocam sensações de liberdade, de calma, de paixão pelo mar e o que este representa. Segundo Tuan,

Não é difícil entender a atração que exercem as orlas marinhas sobre os seres humanos. Para começar, sua forma tem dupla atração: por um lado, as reentrâncias das praias e dos vales sugerem segurança; por outro lado, o horizonte aberto para o mar sugere aventura (Tuan, 1980: 131).

De acordo com Leal (1996) as mercadorias procedentes do interior do Estado chegavam ao Mercado Modelo e em outras feiras por intermédio dos saveiros: “Vinham nos grandes saveiros com suas gigantescas velas que cruzavam a Baía de Todos os Santos (...) eram muitos os saveiros que enfeitavam o mar”. Segundo o depoimento do arquiteto e projetista Lev Smarceviski, a rampa do Mercado Modelo, hoje abandonada, poderia voltar a servir de porto de confluência dos saveiros do Recôncavo, como ocorre em vários portos do mundo. O Recôncavo baiano ainda é muito rico em produtos que poderiam ser transportados pelos saveiros e serem



vendidos na rampa a preços mais acessíveis. Ele defende a construção de um museu do saveiro, de modo a preservar para o turismo a história da embarcação (A Tarde, 10/06/2001).

Atualmente, nas cidades do Recôncavo e do baixo sul baiano, os artífices e mestres mantêm viva a arte milenar de construção de saveiros em madeira, nos estaleiros rudimentares, utilizando como ferramentas o machado e o graminho (uma espécie de ábaco que fornece as formas e dimensões das diversas peças utilizadas na construção de saveiros). O graminho dá ao barco a mesma homogeneidade de forma que tinha no passado. Aliada aos instrumentos de trabalho está a transmissão oral das informações teóricas, realizada através de cantigas ritmadas de roda (A Tarde, 19/08/2001). De saveiros (embarcações que faziam o transporte de mercadorias e diversos elementos da cultura do recôncavo baiano) aos barcos de passeio e escunas, a orla da Ribeira ainda mantém, para visitantes e moradores, a imagem turística, de lazer e de descontração, consolidada no decorrer dos anos. Hoje, para os mais saudosistas, é possível contemplar os velhos saveiros reformados no Clube do Saveiro, na Ribeira. O saveiro enfrenta um crescente topocídio. No entanto, a proposta de mantê-lo integrado às funções anteriormente desempenhadas expressa uma tentativa de topo-reabilitação, ou seja, de resgate e intensificação da topofilia.

## **Os Bondes**

Ainda sobre os meios de transporte, temos o exemplo dos bondes. Semelhantes quanto à forma, mas de uso diferenciado, os bondes marcaram intensamente a vida urbana a partir de 1898, quando foram eletrificados e tiveram seus itinerários prolongados com um maior número de linhas. Além do transporte habitual de passageiros, o bonde também atendia a serviços funerários, de transporte de mercadorias e cargas e de festejos comemorativos. Para cada ocasião, o bonde era devidamente decorado ou

adaptado, daí a importância dos assentos fixos e encostos móveis. Lembretes, anúncios publicitários e ditos populares impressos nos encostos dos bancos eram lidos durante os percursos - “cinco passageiros em cada banco” - “é proibido falar com o motorneiro” - “é proibido fumar nos três primeiros bancos”, dentre outros, conforme Sant’ana (1996: 132). “Existiam, também, os bondes para conduzir os doentes para os hospitais, além dos mistos para transportar mercadorias e compras das feiras. Neles eram conduzidos imensos balaios das feiras” (Leal, 1996: 80). “Os bondes funerários possuíam detalhes em preto, mas no caso do defunto ser criança ou virgem os detalhes eram brancos e os desenhos das flores sempre dourados” (Leal, 1996: 79). O bonde “material rolante”, o nome já informa qual a sua finalidade: conduzir material para consertar ou corrigir defeitos de linha ou de bonde “era todo fechado e com portas e janelas, e conduzia, além de material necessário, algumas máquinas ou tornos e os operários especializados no assunto” (Sant’ana, 1996: 256).

Para José Lemos Sant’ana,

... o bonde era uma coisa extraordinária, soberba, excepcional, para ser usado por pessoas capacitadas. Quando passava para o “Colégio Senhor do Bonfim” ou para a missa do padre Edmundo, na igreja da Penha, olhava pasmado para o bonde que passava. Eu parava de andar só para olhar o bonde, do qual uma coisa me intrigava. Como é que aquele arco passava nas emendas do fio? Parecia arte mágica (Sant’ana, 1996: 131).

A proximidade com o mar, possibilitada pela mudança da residência de José Sant’ana, de Pojuca - BA para Itapagipe, remonta ao sentimento de afeição partilhado pelos dois lugares de vivência: “Itapagipe me aproximou do mar, dos bondes e de muita novidade (...) ali estavam ainda muitas ruas sem calçamento e casas de beira de bica, afora o próprio areal da praia a lembrar as areias de Pojuca, onde nos espalhávamos, nós os meninos, em piculas e correrias (Sant’ana, 1996: 217). Os bondes viveram seu

período áureo até meados dos anos 40, perdendo espaço para os trolebus na década de 50. Na gestão de Hélio Machado (1955-1959) o bonde cedeu lugar, em definitivo, ao ônibus.

Para Tuan, na apreensão do que está ao seu redor, os homens utilizam os sentidos e em função de possuírem órgãos similares, compartilham de percepções comuns. A percepção visual predomina; no entanto, “... somos mais sensibilizados pelo que ouvimos do que pelo que vemos. Em parte, talvez, porque não podemos fechar nossos ouvidos como podemos fechar os olhos. Sentimo-nos mais vulneráveis aos sons.” (Tuan, 1983: 09). Quanto aos sinos das igrejas, Leal (1996) relembra:

Ficamos habituados a ouvi-los e entendíamos sua linguagem. O meio dia era anunciado com as 12 badaladas. À tardinha, no fim do dia, na hora da Ave Maria, ouvíamos as seis pancadas. Nas torres de todas as igrejas existiam sinos, umas com maior, outras com menor quantidade, mas com tonalidades graves e agudas. Entendíamos perfeitamente o toque. Quando o sinal era de alegria, os menores bimbahavam, mas a sonoridade ininterrupta e grave dos maiores indicava acontecimentos tristes. (Leal, 1996:77).

A percepção auditiva é desenvolvida em diversos locais; no entanto, em alguns ambientes propícios à musicalidade, podemos aguçar nossos ouvidos às diversas tonalidades e ritmos.

### **Associação dos Empregados do Comércio**

Local escolhido para concertos, recitais líricos e declamações, o salão da Associação dos Empregados do Comércio construído em 1917, localizado na esquina da Rua Chile com a Rua do Tira-Chapéu, ao lado da Câmara Municipal de Salvador, aguarda a conclusão das obras de restauração prometidas como parte das comemorações dos 100 anos da Rua Chile. As obras devem incluir a recuperação das pinturas existentes no teto do

salão nobre, onde estão os retratos dos fundadores, o elevador, um acervo literário de cinco mil títulos (há publicações com mais de 100 anos), o piano “Essenfelder”, dentre outros móveis antigos (A Tarde, 31/07/2002). Segundo Leal, havia um interesse generalizado em se conhecer as obras dos poetas e recitar suas poesias, as atividades escolares tinham o objetivo de familiarizar os alunos com as trabalhos dos poetas e desenvolver o gosto e o hábito da leitura (p. 34). Muitos são citados dentre os declamadores, a exemplo de Lula Parola, pseudônimo de Aloísio de Carvalho. Jornalista e poeta lírico, cantou em seus textos a cidade do Salvador e manteve, no jornal A Tarde, a coluna “Cantando e Rindo (p.34). “O entusiasmo pela preservação nasce da necessidade de ter objetos tangíveis nos quais se possa apoiar o sentimento de identidade.” (Tuan, 1980: 217).

### **Os Largos do Papagaio e da Madragoa, na Ribeira**

Segundo Tuan (1983), “muitos lugares, altamente significantes para certos indivíduos e grupos, têm pouca notoriedade visual. São conhecidos emocionalmente, e não através do olho crítico ou da mente.” (p. 180). Assim o são os Largos do Papagaio e da Madragoa, ambos localizados no bairro da Ribeira, em Salvador.

“Os Largos de Roma, do Papagaio e da Madragoa ofereciam espaços onde a meninada podia se divertir. À noite, em quase todos os bairros, era costume as famílias colocarem cadeiras nas portas para conversarem sem risco de qualquer natureza” (Leal, 1996: 19). Tal costume ainda é facilmente constatado em uma simples visita ao bairro da Ribeira, em Salvador. A sensação de estar em uma “cidade do interior”, longe da correria que permeia os centros comerciais, gera em moradores e visitantes um sentimento comum de afeição pelo bairro, destacando o privilégio de estar próximo ao mar e a convivência aprazível entre os moradores.

Os Largos do Papagaio e da Madragoa se mantiveram, no decorrer dos anos, como locais escolhidos para o “bate-papo”, o “namoro” ou para ficar “à toa”. O acesso facilitado pelo terreno plano da Península Itapagipana, como também o fato de se constituírem como locais de passagem de pedestres e veículos, possibilitou a manutenção desses locais como pontos marcantes do bairro. Fruto da reivindicação dos moradores, tais espaços, há tempos abandonados pela administração municipal, vêm sendo submetidos a projetos de requalificação de espaços públicos. Tanto no Largo da Madragoa quanto no Largo do Papagaio, os projetos de intervenção foram comunicados e discutidos com a comunidade, através da Associação dos Moradores de Itapagipe – AMAI, e estão sendo implementadas obras para a construção de quadras poliesportivas, *playground* e áreas de lazer (A Tarde, 23/04/2002).

Segundo relatos de antigos moradores da Ribeira, o Largo do Papagaio era um antigo campo de futebol, que possuía, em suas proximidades, um charco com sapos e até cobras, e foi transformado em uma praça com coreto, calçamento, iluminação e arborização, durante a administração do prefeito Antônio Carlos Magalhães. Denominada de Praça Simões Filho, uma homenagem ao fundador do jornal “A Tarde”, o local, hoje, continua sendo conhecido como Largo do Papagaio. No Largo da Madragoa, existia um coreto com duas subidas, as laterais eram de grade, com dois grandes portões: um, defronte ao Colégio Estadual Costa e Silva e o outro, no lado esquerdo, defronte à antiga Farmácia Britto. As grades externas foram retiradas, e o coreto conservado até 1948. (Coelho & Serpa, 2002: 47)

Tais esforços de topo-reabilitação na Ribeira visam a resgatar visualmente e no imaginário dos habitantes do lugar o prazer estético da apreciação da paisagem e o emergir de lembranças pessoais de cada morador do bairro: “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar.” (Tuan, 1980: 114). Para Paulo Henrique Santos,

... a memória, pessoal ou de grupo, confere assim o sentimento de identidade. Ao recuperar aspectos das experiências anteriores, o ato de lembrar ou recordar o faz na perspectiva de integrá-los às ações do presente. A recordação, no entanto, não é um procedimento meramente consciente ou desejado. Muitos fragmentos do passado são lembrados espontaneamente: as recordações sensíveis, movidas por sinais como os odores, os sabores e os sons, trazem formas de lembranças recônditas na consciência (Santos, 2001: 26).

## Hidroporto da Ribeira

Visitantes e moradores do bairro da Ribeira não podem reviver os momentos que antecederiam a descida de um hidroavião no hidroporto, porque o que dele restou não é capaz de recontar a agitação que ocorria nas imediações. “Ficávamos todos admirados com as histórias dos aviões que desciam dentro d’água, no Aeroporto dos Tainheiros, em Itapagipe” (Leal, 1996:101) e, segundo o relato de Sant’ana, “a descida do avião sobre o mar parecia, pelo número de pessoas, que toda a península ocorrera à Ribeira e aos Tainheiros para assisti-la. Não era. Era todo o povo daquele trecho mais próximo que vinha como estava: homens de pijama, mulheres de robe, meninos correndo descalços. Mesmo porque a coisa era rápida.” (Sant’ana, 1996:164). O topocídio é, nesse exemplo, caracterizado quando um completo aniquilamento do lugar é causado, de modo a impossibilitar recordações do passado.

## Conclusão

Ao efetivar um programa de transformação do cenário urbano na cidade do Salvador, entre os anos de 1920 a 1960, alheio às particularidades existentes nos sentimentos, nos valores e na vida cotidiana dos moradores, os segmentos dominantes aniqui-

laram lugares valorizados, monumentos e elementos urbanos. Medidas adotadas pelo poder público, como o alargamento de vias, a modernização do sistema de transportes, a mudança de antigos aspectos arquitetônicos das ruas, praças e edificações urbanas visavam à criação de uma infraestrutura moderna. Esse topocídio generalizado em vários pontos da cidade provocou simultaneamente a perda de identidade coletiva por esses espaços e acentuou o poder e privilégios da classe dominante.

Atualmente, nos deslocamentos diários, o morador ou visitante visualiza, pelas ruas da cidade do Salvador, o passado constantemente reiterado, através da seleção dos símbolos, reafirmando o domínio das classes dirigentes. Resistindo e mantendo vivos os elos afetivos com o lugar, por meio da transmissão da história oral de seu bairro, de peças infantis, de cantigas de roda, do artesanato, reuniões com os moradores, algumas associações de bairro consolidaram-se e reivindicam, com sucesso, projetos em prol do interesse da comunidade, principalmente de resgate (topo-reabilitação) de referenciais.

Os referenciais podem ser, dentre outros, fragmentos da história de um bairro, produto da reivindicação de seus moradores, espaços públicos, locais de passagem, vias de acesso, estabelecimentos comerciais: lugares que o tempo transformou em espaços-vividos, conhecidos, cheios de significado. Assim, esses referenciais resultam da vivência consolidada através do acréscimo de sentimento “topofílico” ao longo dos anos e como componentes experienciados do espaço pelos moradores com maior intensidade. Se restaurados, podem reforçar a identidade do lugar. Requalificar referenciais significa restaurar e (ou) intensificar os sentimentos de afeição de seus moradores pelo espaço em que vivem. Não apenas os referenciais de maior visibilidade e (ou) acessibilidade devem ser considerados, mas também os menos notáveis, que tenham sua importância como referenciais para habitantes de microáreas inseridas no bairro.

## NOTAS

\* Nota dos organizadores.

<sup>1</sup> Este artigo se constitui como parte das atividades desenvolvidas na disciplina *Espaço Geográfico na Literatura*, junto ao Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Bahia, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Auxiliadora Silva e do Prof. Délio José Ferraz Pinheiro.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFBA.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, F. Topofilia, topofobia e topocídio em Minas Gerais. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de. (Orgs.). *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1996.

BORJA, J. As cidades e o planejamento estratégico: uma reflexão europeia e latino-americana. In: FISCHER, T. (Org.). *Gestão contemporânea: cidades estratégicas e organizações locais*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

COELHO, S. *A percepção do bairro através dos diferentes modos de transporte*. 2002. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

LEAL, G. da C. *Histórias de Salvador: Cidade da Bahia*. Salvador: [s. n.], 1996.

MESTRES evitam desaparecimento dos saveiros. *A Tarde*, Salvador, 19 ago. 2001.

PATRIMÔNIO ameaçado em prédio na Rua Chile. *A Tarde*, Salvador, 31 jul. 2002.

PENSAVENTO, S. J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 393 p.

PRAÇAS terão obras de reurbanização. *A Tarde*, Salvador, 23 abr. 2002.

SANT'ANA, J. L. de. *Bambangas: (memórias)*. Salvador: FORMU, 1996. 165 p.



SANTOS, P. H. D. *Cidade e memória: dimensões da vida urbana em Caetité: 1940-1960*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

SAVEIROS baianos ameaçados de extinção. *A Tarde*, Salvador, 10 jun. 2001.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p.

\_\_\_\_\_. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980. 288 p.

### **Os Jornais**

Patrimônio ameaçado em prédio na Rua Chile. *A Tarde*. 31/07/2002.

Praças terão obras de reurbanização. *A Tarde*. 23/04/2002.

Mestres evitam desaparecimento dos saveiros. *A Tarde*. 19/08/2001.

Saveiros baianos ameaçados de extinção. *A Tarde*. 10/06/2001.